



GT 75. Retomadas e re-existências indígenas e negras

Coordenador(es):

Cauê Fraga Machado (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sandro José da Silva (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Sessão 1

Debatedor/a: João Daniel Dorneles Ramos (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Luiza Dias Flores (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Sessão 3

Debatedor/a: Sonia Regina Lourenço (Universidade Federal de Mato Grosso)

A antropologia vem tradicionalmente tratando territorialidades negras, quilombolas e indígenas – especialmente do Nordeste – nas chaves analíticas da invenção da tradição, da etnogênese, da fricção interétnica, da reminiscência e da plasticidade identitária. Esses conceitos, além de estarem, na maioria das vezes, atrelados a relação desses coletivos com o Estado-nação, privilegiam apenas as relações políticas entre agentes humanos. Etnografias mais contemporâneas, vêm apresentando dados nos quais categorias nativas como as de retomada e resistência – não apenas como reagente, mas como re-existir – territorial e existencial, quando tomadas como conceitos descrevem diferentes vínculos entre actantes dos mais diversos modos de existência. Esses entes produzem reflexões cosmopolíticas e modos de agir com (ou contra) o Estado-nação de modos antes insuspeitos. Não pela via da memória ou da prova, mas pela cosmologia e relacionalidade estendida a todos existentes, recupera-se algo dado como perdido, inexistente. São “identidades” e territorialidades que sempre existiram, mas estavam aguardando momento propício para se realizar, retomando terras, práticas, contato com seres, objetos, linguagens sem que essas nunca tenham sido perdidas de fato. Nesse GT, privilegiaremos trabalhos etnográficos e reflexões teóricas acerca desse novo cenário no qual indígenas e coletivos negros reclamam sua existência.

Pretos carvoeiros, quilombolas, tapuios e outros etnônimos: singularidades na luta de comunidades tradicionais na Amazônia

Autoria: João Siqueira (INCRA)

Este work tem como objetivo apresentar um cenário da produção de significados presentes em manifestações da etnicidade, associadas com processos organizativos e reivindicatórios, em que a constante interconexão entre os atores se configura numa miríade de agentes. O enfoque se dirige para o esclarecimento de uma situação etnográfica no contexto amazônico, na qual a história relativa à formação dos grupos se entrelaça com processos variados e, subsequentemente, emerge articulado à reivindicação de área de ocupação e de uso de recursos. Ressalta-se que na constituição desses agrupamentos, um léxico potencialmente comunicativo com base em reelaborações êmicas de topônimos, de atributos indicativos e de referência histórica é utilizado para efeito de singularidade e distinção dos atores envolvidos. De certo, o manejo de um repertório sociocultural significativo por esses povos pretende assegurar direitos e acesso a recursos tidos como indispensáveis à reprodução física, econômica e à sua própria identidade. Diversos estudos que abordam a questão da sociodiversidade e sua dinâmica no contexto fundiário da Amazônia mostram, sobretudo, que os corpos d'água e a questão terra, muito além da sua valoração alcançada em cálculos de cunho comercial, são fontes vitais para toda a base da produção alimentar e reprodução da vida.



Todavia, os works apontam também que áreas situadas próximas de grandes empreendimentos, dos perímetros definidos como de expansão urbana e das fronteiras de expansão agrícola tornam-se rapidamente objetos de interesse e de forte disputa. E sendo o seu controle fonte de poder e influência sobre as decisões políticas de gestão territorial, a apropriação da terra por meio de dispositivos legais ou métodos extralegais tem se transformado não só em meta assaz perseguida, mas também em luta tenaz, cujo resultado tem implicação direta sobre existência de seus empreendedores. É no plano da relação entre a dinâmica dos usos territoriais e os obstáculos que impedem a efetiva aplicação da política de ordenamento fundiário relativa às comunidades tradicionais que se inscreve a situação etnográfica aqui abordada. A comunidade Lago de Serpa, em Itacoatiara no Amazonas, possui mais de setenta famílias que vivem em vários núcleos residenciais e nas faixas de ocupação às margens do lago de mesmo nome. Sobre o grupo e sua trajetória, cuja formação começou há mais de um século, salienta-se que a organização da comunidade apoia-se na historicidade das famílias de ocupação pioneira, e se estabelece a partir de três eixos centrais que sintetizam o repertório das práticas culturais, laborais e de ação política de seus moradores.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: